



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **A JUVENTUDE JACUIPENSE QUER SE (RE) CONHECER: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ESCOLA E CULTURA**

ANA LISE COSTA DE OLIVEIRA SANTOS

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

**RESUMO:** o artigo discute as relações entre juventude, cultura e escola, a partir de um relato de experiência ocorrido num estabelecimento de ensino médio em Riachão do Jacuípe, Bahia. Destacamos aqui o exitoso engajamento dos jovens estudantes numa maratona cultural estudantil promovida em ocasião do aniversário da referida cidade. Assim, através de grupo focal, encontramos sentidos atribuídos pelos jovens na relação pedagógica com o saber experienciado: reconhecimento, pertencimento, alteridade e civismo, e principalmente a valorização da história local. Logo, fica evidente a necessidade do contexto escolar afirmar-se cada vez mais enquanto espaço de constituição identitária da juventude. **Palavras-chave:** Juventude. Identidade. Cultura e escola. **RESUMEN:** El artículo analiza la relación entre la juventud, la cultura y la escuela, a partir de un relato de experiencia del incidente en un entorno de alta escuela en Riachão do Jacuípe, Bahía. Aquí destacamos la participación exitosa de los jóvenes estudiantes en un maratón cultural de los estudiantes organizados en el aniversario de esa ciudad. De este modo, a través de grupos de enfoque, que se encuentran de los jóvenes en la relación pedagógica con el conocimiento experimentado, a saber, el reconocimiento, la pertenencia, la alteridad y la civilidad, y especialmente la apreciación de la historia local. Por lo tanto, es evidente la necesidad del contexto escolar cada vez afirmarse como espacio de construcción de la identidad de la juventud. **Palabras clave:** Juvenil. Identidad. La cultura y la escuela.

**PRIMEIRAS PALAVRAS...** A juventude contemporânea vive em um tempo ambíguo de riscos e possibilidades simultâneos. Nossa era é de uma sociedade globalizada, informacional, performática e planetária, em que os referenciais normativos e éticos se modificam num estalar de dedos, num

clique. Diversidade, mudança e fragmentação fazem da vida uma constante reflexão sobre os rumos de nossa condição humana. Nosso legado cultural e patrimonial agora parece está se esvaindo, em favor de um presentismo descartável e superficial. Assim, o ato de escolher, assumir o risco da decisão e responsabilizar-se pelas escolhas feitas são questões fundamentais que se colocam hoje para todos nós. Considerando essa realidade, a juventude atual se vê diante do fato de constituir-se identitariamente num mosaico de possibilidades. Pensando nisso, nossa temática focaliza entender as relações entre juventude cultura e escola produzidas no cotidiano escolar do ensino médio, tomando por base uma experiência exitosa de um projeto interdisciplinar. Assim, a maratona cultural “Riachão nunca será um riachinho: de rio temporário à perenidade do povo”, foi projetada pelos professores e direção da escola investigada em virtude de uma dupla comemoração no então mês de agosto: primeiro do 138º aniversário da nossa cidade de Riachão do Jacuípe e, segundo, o dia do estudante. Com um caráter interdisciplinar a maratona cultural, em dinâmica de gincana, visou promover um (re) conhecimento da história local, através de atividades lúdicas com os estudantes. Dessa forma, o evento aconteceu no turno diurno, na primeira quinzena de agosto do corrente ano, envolveu interdisciplinarmente todas as áreas de conhecimento, e enfocou as seguintes temáticas: aspectos históricos, cultura, economia, política, educação, meio ambiente, dentre outros, tendo como pano de fundo o resgate da história local. Participaram do evento, 80 estudantes organizados em 6 equipes, 14 professores, além da comunidade escolar. Nossas motivações para escrever esse artigo procedem do fato de perceber que a se a sociedade contemporânea por um lado tem gerado demandas amplas e complexas, por outro não oferece os meios para a inserção dos jovens, que fazem das diversas práticas culturais, formas de expressão, identidade, convivência, e também bandeiras de lutas. Tendo em vista essa premissa, nos interessa o fato dessa referida escola de ensino médio ter oportunizado projetos educativos que envolvem a formação integral do jovem estudante. O que nos atraiu para essa investigação foi o fato de que, ao aproximarem os estudantes da história do lugar onde vivem, por meio da ludicidade, também os oportunizaram a (re) conhecerem a si mesmos, num frenesi juvenil de dentro para fora e vice-versa, isto é, (re) conhecer o lugar onde se vive para (re) conhecer-se a si mesmo. Logo, nos perguntamos: a escola ao aproximar a juventude das práticas culturais estaria promovendo formação identitária do jovem?

Em outras palavras, o que representou para os jovens a maratona cultural realizada pela escola citada?

No intento de responder tais questionamentos visamos compreender os sentidos atribuídos pelos jovens à vivência de práticas culturais na escola. Diante desse objetivo central relataremos a seguir a nosso relato analítico e investigativo almejando também somar-se as discussões do eixo educação, trabalho e juventude, vinculado ao X Colóquio Educação e Contemporaneidade. **OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS JOVENS À PRESENÇA DE PRÁTICAS CULTURAIS NA**

**ESCOLA** A juventude brasileira tem-se constituído objeto de inúmeros estudos de diferentes perspectivas. Abordagens sociológicas, psicológicas, pedagógicas, antropológicas, analisam mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem nesse momento da vida. Diversos pesquisadores, a exemplo de Charlot (1996; 2000), Dayrell (2001;2007) e Spósito (2010), têm se debruçado em defender que os nossos jovens são protagonistas e constroem relações em torno de si, influenciam e também são influenciados pelo mundo. Assim, buscamos nessa seção abordar numa visão pedagógica histórico-crítica, dialogar com os sentidos atribuídos pelos jovens ao que vivenciaram durante a realização da maratona, tendo esta como ponto máximo de expressão cultural na prática pedagógica do espaço escolar investigado. Com a realização da sessão de grupo focal após o evento, tomando como base a análise de conteúdo de Bardin (2009), encontramos os destaques apontados pelos jovens na relação pedagógica com o saber experienciado: reconhecimento, pertencimento, alteridade e civismo, tendo como pano de fundo a valorização da história local. Sobre o reconhecimento, os jovens demonstraram que tiveram na maratona a oportunidade de (re) conhecer aspectos da cidade que antes não havia notado e que mesmo as experiências escolares anteriores não deram conta desse aprendizado. Essa experiência foi marcante no sentido de fazê-los enxergar a realidade não por meio de livros, e meios digitais, mas indo ao encontro dela; por um lado, buscando informações a respeito da cidade em órgãos municipais oficiais a exemplo de secretarias de educação, saúde, assistência social, prefeitura, câmara de vereadores, fórum, dentre outros. Por outro lado, esse (re) conhecimento também se deu na exploração do meio ambiente, na visita a locais improváveis como o lixão, o berço do rio Jacuípe, bem como no diálogo da população mais carente que vive nesses locais. Assim os jovens se mostram surpresos, chocados, curiosos e mais conscientes ao reconhecerem o seu Riachão do Jacuípe:

*A maratona cultural fez com que gerasse uma curiosidade em relação ao município que vivo. Como minha equipe ficou responsável por conhecer as condições ambientais do meu município eu conheci a verdadeira realidade da população carente e percebi a falta de gestão, de cuidado com o meio ambiente e as consequências que isso leva, principalmente afetando a população. Foi através de reportagens que fizemos com pessoas que antes utilizavam o rio Jacuípe como fonte de renda e lazer, eu senti vontade de conhecer esse rio que tanto falavam e isso também aumentou o meu desejo de conscientizar outras pessoas e fazer elas lutarem também por essa causa.[...] sobre o lixão percebi o descaso não só da gestão mas também do povo que acaba se acomodando em relação a esse problema. Através de visita a Secretaria de Saúde descobrimos que esse lixão está causando doenças graves nas pessoas e nós vimos isso de perto, porque fomos lá. Aí*

*eu percebi que os problemas lá fora estão muito perto de mim eu não tinha me dado conta. (Bel, 16 anos, integrante da equipe Embaré).*

*Dar sentido ao que eu vivo foi uma das coisas de aprendi com a maratona. No contato com as pessoas no bairro do Ranchinho, choquei com uma cena: vi a poluição do rio de perto e um pescador tentando pescar naquele rio poluído, rio que antes eu via uma água verde a acreditava ser boa, achava lindo e hoje de perto vejo que não é. (Gi, 16 anos, integrante da equipe Embaré).* A noção de consciência ambiental sobre o lugar onde vivem é um marcante traço de expressão identitária na postura dos jovens entrevistados. Seus olhares se descortinaram ao verem locais de sua cidade como nunca tinham visto antes. O lixão, a poluição do rio Jacuípe e as doenças causadas por estes, foram os motes para a aquisição dessa consciência, que no dizer de Jacobi (2003,p. 193) se converte em “mais uma ferramenta de mediação necessária entre culturas, comportamentos diferenciados e interesses de grupos sociais para a construção das transformações desejadas”. Em outras palavras o autor nos ajuda a entender que o que esses jovens vivenciaram múltiplos sentidos como: conservar, reciclar e respeitar o meio ambiente ao seu redor. Aprenderam pelo olhar da consciência ambiental a não serem indiferentes à natureza e se incomodarem com o inconformismo das pessoas. Do ponto de vista dos jovens outra forma de vivenciarem o reconhecimento, como expressão de identidade, foi através das memórias da história da cidade. A maioria deles admitiu não saber muito sobre o passado da cidade, a despeito de já terem estudado o assunto em História do Brasil. Com a maratona, esses jovens puderam (re) conhecer um pouco da história de Riachão do Jacuípe pelos documentos oficiais, mas, sobretudo, com a tradição oral por meio de rodas de diálogo com historiadores e personalidades jacuienses que se fizeram presentes no evento, em rodas de conversas entre os próprios jovens narrando histórias entre si.

*A maratona cultural proporcionou o aprendizado da cultura local por meio do contato direto durante as pesquisas de campo, a qual pessoas representantes de diversos grupos da sociedade contribuíram com seus conhecimentos a respeito da evolução cultural do município, comparando assim, várias realidades de várias épocas, em uma espécie de retrospectiva nostálgica e contrastante. (Pedro, 16 anos, equipe Devir).*

*Com o Tio Lio, aprendi que sempre é importante saber de onde a gente vem, porque assim a gente conhece as nossas origens. Aprender sobre a história e a cultura de Riachão foi muito legal, porque quase ninguém sabia sobre a história de nossa cidade. O que mais gostei de fazer foi sentar em um círculo com os amigos da escola e a gente ir compartilhando o que cada um sabia da história do lugar, por exemplo, do padre envenenado que jogou praga na cidade, da peste que São Roque livrou nosso lugar pela promessa do povo, do famoso pé de barriguda, e tantas outras coisas. Engraçado que eu nem saía de cada e numa sentada aprendi tanto, tanto[...] (Rutílio, 16 anos, equipe S.O.S).* Essa experiência de reconhecimento, vivenciada pelos jovens os oportunizou a terem contato com a cultura local e assim se enxergarem como cidadãos jacuienses. A identidade destes toma forma na medida em que mergulham nas memórias dos antepassados, dos historiadores e outras personalidades, de suas próprias memórias produzindo conexões com suas histórias de vida. Isso nos faz crer que “a formação da identidade é um fenômeno social marcado por um processo de reflexão e observação simultâneas que atinge a totalidade do universo psíquico e no qual o indivíduo julga a si próprio a partir do julgamento dos outros”, afirma Viana (2009, p. 149). Dessa forma, depreendemos que entre os jovens a formação da identidade é um processo social que implica de experiência, reflexão e observação da realidade que os cerca. O indivíduo, enquanto ser social, forma sua identidade através do seu processo de socialização e a auto-imagem que faz de si é, também, um produto social. Isto também é válido para os grupos sociais, inclusive a juventude. Essa experiência escolar da maratona, nesse caso, representa que a escola, enquanto espaço de (re) socialização implica no mundo adulto que em contato com o mundo jovem ajuda-o a criar sua autoimagem, sua identidade. No tocante a questão do pertencimento, entendida como expressão identitária da juventude, notamos que os jovens se sentem vinculados à cultura jacuiense, porque reconhecem que nasceram nela e morrerão com ela. Dentre as expressões que se identificam são bem peculiares como as vaquejadas, os grupos religiosos de jovens, o forró e as festas juninas, dentre outros. A figura do sertanejo como guerreiro, forte e destemido se contrasta com a do sertanejo também “antenado” e diverso predominando com nitidez na memória dos jovens.

*O nosso sertão é lindo, é muito bom ver as vaquejadas, como meu pai aprendi a amar cavalos e a cavalgar. Acho as festas de vaqueiros muito top. Minha vida sem a cultura de Riachão não tem sentido, pois foi com ela que criei meus vínculos. Bel,*

*Eu sei que daqui a algum tempo vou sair daqui pra cursar a universidade, mas mesmo que eu vá pra outro lugar não vou me esquecer daqui, meu jeito de ser e de ver a vida veio daqui, dessa cultura que vivo e que hoje valorizo muito mais. Gi*

*A animação popular na comemoração das datas importantes para o município chama a minha atenção, pois sei que faço parte disso. O São João, pois é a época de maior movimento popular, comemoração e animação, amo essa época e ainda nasci nela! É o momento em que boa parte da população aguarda para se divertir, ainda mais numa cidade pequena e que não tem nada como isso sempre. Pedro*

*Me identifico com as festas religiosas, pois desde pequeno minha família me levava e isso ficou marcado mesmo. Até hoje sigo a igreja católica e frequento o grupo jovem com admiração. Rutílio* Essa noção de pertencimento apresentada pelos jovens tem suas raízes na apreciação da cultura local nos mais diversos âmbitos: artes, movimentos culturais, festas populares e religiosas, dentre outras especificidades. É certo que a identidade da juventude não é exatamente a imagem produzida pelo mundo adulto, mas este a influencia através do processo de mediação do seu grau de acompanhamento na inserção do jovem na cultura. Como nos orienta Viana (2009) o que nos interessa aqui é a identidade da juventude e não sua reinterpretação pelo mundo ideológico dos adultos. Assim entendemos que o elemento mais forte para a formação da identidade juvenil é a própria experiência social dos jovens. Os jovens são sujeitos da cultura, seres socioculturais que se formam na relação com aquela e com o saber. Charlot (2000) nos ajuda a entender esse conceito de sujeito sociocultural argumentando:

o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa

um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. (ibidem, p. 31). Dayrell (2007) complementando essa discussão acrescenta que os jovens são sujeitos socioculturais por natureza. Aliar a categoria juventude ao status de sujeito social implica entender que todo sujeito se constitui nas relações sociais, influenciam e são influenciados como faces de uma mesma moeda e assim se tornam pessoas a partir da intensidade do que vivenciam. Pedro, 16 anos, membro da equipe Devir, ao dizer que “a cultura é importante, pois através dela podemos analisar o processo de formação de identidade de diversos grupos, incluindo o nosso, sendo eles distintos ou não”, inaugura a temática que complementa nossa discussão: a questão da alteridade. Ter alteridade significa (re) conhecer o outro e respeitá-lo. Rutilio, 16 anos, membro da equipe S.O.S, complementa: eu valorizo a cultura de minha cidade, mas isso não quer dizer que me identifico totalmente. Sei que aqui tem uma cultura forte, rica e bonita, mas moraria em outro lugar, tipo no Canadá, de boa. Porém, o contrário também ouvimos “Reconheço, outras culturas, mas não troco a riqueza da minha por nada”, diz Bel, 16 anos, da equipe Embaré. É importante notar que para os jovens é incomum o reconhecimento e respeito ao diferente. A noção de alteridade é entendida de forma constratante nos dois primeiros depoimentos. Por um lado a atração pela cultura estrangeira é típico do jovem que sempre enxerga para além de seus muros e ver no outro ser diferente um sinal de alteridade. Por outro lado, a defesa da cultura local em sua singularidade, também é sinal de alteridade. Nesse caso o singular e o diferente compõe o sujeito jovem sócio-cultural. Outra visão de alteridade também está presente nas diferentes visões dos fatos históricos, como salienta Gustavo, 16 anos, membro da equipe Fócus, ao que: “[...] teve um ex-prefeito nosso que falou num documentário foi produzido por umas das equipes, que a ditadura foi uma época boa para nossa cidade, respeitei, e entendi seu ponto de vista, embora não concorde com isso, pelo que eu sei de tanta tortura, censura que o povo brasileiro sofreu nessa época [...]”. Por isso, a condição antropológica de alteridade que constitui o ser humano implica:

o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de

determinado grupo social e diferente de todos como ser singular. Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie. (DAYRELL, 2007, p. 159). Por último, a noção de civismo, completa o ciclo daquilo que estamos chamando de expressão identitária da juventude jacuiense, tendo como parâmetro uma maratona cultural ocorrida neste mês de agosto. Para os jovens entrevistados em grupo focal ficou evidente que não conheciam com clareza, os principais símbolos cívicos da cultura jacuiense. Como uma das provas da maratona era justamente reconhecer tais símbolos, os jovens se viram apresentados a alguns deles que até então eram indiferentes, a exemplo da bandeira, do brasão, de algumas personalidades jacuienses e do hino da cidade, aprovado pela Câmara municipal bem recentemente no ano de 2014. Assim, os entrevistados confessaram que, a maioria dos jovens que participou dessa maratona não sabia cantar o hino de sua cidade, nem sequer seu significado.

*Gostei de uma parte do nosso hino "os jacuienses estudando e trabalhando, ajudando no progresso da nação, todos juntos de mãos dadas te saudamos, salve, salve, Riachão." Isso lembra o valor que nosso povo dá aos estudos. A educação é um elemento importante para ajudar a construir uma nação melhor. No entanto, o que diz a letra do hino deveria ser posto em prática, valorizando melhor a educação nesse país, nesse município. Gustavo, 16 anos, membro da equipe Fócus.*

*Foi importante aprender a cantar o hino, porque ele é como uma síntese da história da cidade, e por Riachão ser uma cidade pequena a maioria nem se importa em conhecê-la (a história). Paulo, 15 anos, equipe Ribeirinho. O civismo juvenil também está presente no universo cultural que passa a ser admirado, e até então despercebido em suas nuances tão familiares. Confirmam isso assegurando: "percebi que a maior riqueza desse município são as pessoas e a feira livre nos surpreendeu, pois aquilo tava (sic) na nossa cara o tempo todo e a gente não via assim, sabe, tem algo importante ali que revela muito sobre nós", disse o jovem Gustavo. Mais adiante o mesmo estudante complementa que e experiência de contato com a cultura*

trouxe para ele e sua equipe de trabalho um jeito novo de olhar para o lugar onde todos os jacuienses compartilham e se veem iguais na diferença. Assim, para a equipe Fócus, na fala de Gustavo “termos escolhido a feira livre nos deu orgulho daquilo, daquele espaço, daquelas pessoas e saber que a gente também faz parte disso. Por detrás da beleza bruta, vimos algo além que nos encheu de orgulho.” Essa concepção dos jovens só confirma o que Charlot (2000) argumenta sobre a relação com o saber em nível epistêmico e identitário, isto é, construímos nossa afinidade com o saber ao nos relacionarmos com as outras pessoas e conosco mesmo. Dito isso o autor nos ajuda entender essa relação com o saber vivenciada pelos jovens entrevistados ao interpretarem a feira livre (re) conhecendo-a em sua dinâmica e também fazendo parte dela. Além disso, a maratona também foi importante, porque colaborou no processo de socialização da juventude. Ajudou na convivência melhor entre os alunos, estimulando valores éticos como respeito, companheirismo e solidariedade em oposição aos valores competitivos comumente vividos entre eles nas relações escolares e sociais, o que faz da escola um genuíno espaço de ambiência sociocultural, segundo Dayrell (2007) e de convivência para o exercício da democracia, conforme Lodi e Araújo (2007). Por isso, as reflexões ditas nesse sentido, aparecem no discurso dos jovens: “as pessoas iam se ajudando por mais que fossem de equipes diferentes. Lembro que muitos se ajudavam, fazendo figuração nos cenários dos amigos e nesse clima de amizade todos iam atingindo sua meta”, afirma o estudante Vítor, 17 anos da equipe Matriz. Igualmente, os valores cívicos também estão presentes nesse convívio social dentro e fora da escola: tolerância, alteridade, patriotismo, participação, coragem. A civilidade, que engloba tais valores elencados, é entendida aqui como um conjunto de características e comportamentos necessários para que exista uma cidadania responsável. Estão em jogo aqui valores apreendidos pelos discursos dos jovens, a saber: coragem, participação, patriotismo e tolerância. Isso se expressa muito bem nos depoimentos:

*A figura do sertanejo, do vaqueiro, é exemplo para nós de luta e garra, como ele corre atrás do boi e consegue laçar ele, nós também devemos correr com nossa arma, o estudo, lutar por nossos sonhos. Bel 16 anos, equipe Embaré.*

*O jovem que aprendeu esse conhecimento da cultura jacuiense precisa*

*preservar e ousar passar para as próximas gerações, pois esse aprendizado a gente leva pra vida inteira Vítor, 17 anos, equipe Matriz.* Portanto, para Lodi e Araújo (2007), estes valores baseiam-se no princípio de que, para que haja um entendimento entre todos os cidadãos é extremamente importante que estes respeitem os direitos e o bem-estar de todas as pessoas. Em outras palavras se aprende a ser cidadão e a ser cidadã quando se aprende a ser ético, isto é, quando passamos, por livre consciência, a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência, e principalmente ao exercitarmos o diálogo nas mais diferentes situações e ao comprometermo-nos com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país. Acreditamos que a escola na educação dos jovens precisa promover espaços como esses da maratona cultural, que suscite, portanto, o estudo da cultura, da ética que por ela podem e devem ser enfatizados. **ALGUMAS OBSERVAÇÕES PARA (NÃO)CONCLUIR** Ao chegarmos ao final dessa discussão, corroboramos com a premissa anunciada no início do artigo: (re) conhecer a cultura é (re) conhecer-se a si mesmo. Na exposição desse relato de experiência pudemos entender como se dão as relações entre escola e juventude, tendo como pano de fundo a cultura jacuiense. Ter contato com a cultura local oportunizou aos jovens da escola investigada vivenciar valores éticos e cívicos imprescindíveis para a construção da identidade. A identidade, sobretudo a juvenil, se constrói com a diferença e na convivência direta nos espaços culturais, e esse foi o grande mote desse artigo. Logo, concluímos que ao tematizarmos sobre as relações entre escola, juventude e cultura, demos um passo importante no entendimento da função social da educação contemporânea. Ao passo que vemos as escolas de ensino médio primarem pelo Enem e pelo vestibular na intenção propedêutica de encaminharem seus pupilos para o ensino superior, também foi sui generis, encontrar numa cidade do interior da Bahia, uma escola ciente de sua missão de preparar vestibulandos, mas, sobretudo, de também formar cidadãos patriotas, críticos e conscientes de suas origens.

**REFERÊNCIAS** BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009. CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cad. Pesq.** São Paulo, nº97, maio, 1996, p. 47-63.

Disponível em:

www.

fcc.org.br

/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/373.pdf

.

Acesso em: 01 ago de 2016. \_\_\_\_\_. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2ª reimpressão. Belo Horizonte, editora: UFMG, 2001, p. 137-161. \_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. In: Fávero, O. et al. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 155-176. (Coleção Educação para Todos; 16). JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, março/ 2003, p. 189-205.

Disponível em:

http://

www.

scielo.br

/scielo.php

?

pid=S010015742003000100008&script=sci\_abstract&tlng=pt.

Acesso em: 01 ago de 2016. LODI, L.H.; ARAÚJO, U. **Ética, Cidadania e Educação: Escola, democracia e cidadania**. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 67-76. SPÓSITO, Marília P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultural. **Revista Educação e Pesquisa**, Vol. 36, 2010, pp. 93-104.

Disponível em:

http://

www.

uff.br

/observatoriojovem. Acesso em 01 ago de 2016. VIANA, N. Juventude e Identidade. **Rev. Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1/2, jan./fev. 2009, p. 145-154.

Disponível em:

http://

www.

seer.ucg.br

/index.php

/estudos/article/download/1022/720 . Acesso em 01 ago de 2016.

[1] Mestre em Educação e Contemporaneidade. Membro do grupo de pesquisa Docência Universitária e Formação de Professores (DUFOP) no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc – UNEB. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação e Pluralidade Sócio-Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Psicopedagogia pela FACINTER- IBPEX. Especialista em Coordenação Pedagógica (UFBA). É docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Regional de Riachão do Jacuípe. Atualmente é coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) da cidade de Riachão do Jacuípe. Contatos de e-mail: [aliscosta@gmail.com](mailto:aliscosta@gmail.com)

Recebido em: 15/08/2016

Aprovado em: 15/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: